

ENCONTROS ENTRE A MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO: A reconstrução das memórias coletivas de comunidades dos sertões pernambucanos

Elton André Silva de CASTRO*
Juliana Augusta da SILVA**

Este relato surge de intervenções com idosos na reconstrução das memórias coletivas de comunidades quilombolas dos Sertões pernambucanos, onde buscamos ouvir os sujeitos em suas narrativas sobre a criação, a incorporação e o estabelecimento de novos fazeres (Certeau, 1994) na vida cotidiana. Elegemos a produção de depoimentos e de histórias de vida (Haguette, 1997) registrados com filmadora digital. Os vídeos foram assistidos com foco no reconhecimento de seus temas frequentes (Bardin, 2010; Bauer, 2002). Nossa experiência dialoga com os estudos de Bosi (1994) e Halbwachs (2003) percebendo a potência das palavras expondo seu poder quando o idoso dela faz uso e a produz como registro de pertencimento ao coletivo, como marcadores temporais e afetivos singulares cheios de sentidos originários sustentando sua constituição social.

Palavras chave: memórias, idosos, comunidades.

Encontros com as memórias: uma proposta de extensão em comunidades rurais.

Estas considerações foram elaboradas a partir do Projeto de Extensão “Memórias que contam histórias: paisagens, invenções e receitas”¹, que entre setembro de 2011 a agosto de 2012 estabeleceu suas ações interventivas em comunidades¹ rurais dos municípios de Afogados da Ingazeira e Carnaíba.

Nesta proposta, que surgiu do reconhecimento da forte presença de comunidades de origem quilombola nas regiões rurais de Afogados da Ingazeira, buscava-se focalizar paisagens, invenções e receitas para chamar à participação alunos dos cursos subseqüentes de Saneamento,

* IFPE – campus Afogados da Ingazeira, Mestre - Docente Coordenador/Orientador do Projeto “Memórias que contam histórias”, elton.castro@afogados.ifpe.edu.br.

** IFPE – campus Afogados da Ingazeira, Graduada em Matemática, Bolsista de Extensão do Projeto “Memórias que contam histórias”, july_euamomatematica@hotmail.com.

¹ Projeto de Extensão registrado na Pro-Reitoria de Extensão do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e desenvolvido pelo campus Afogados da Ingazeira. Além de Juliana Augusta da Silva, a equipe do Projeto foi composta pelas estudantes Alda Rodrigues Araújo, Anne Gisely Santana dos Santos Bezerra e Marcelly Mirelly Campos Ramos, tendo os Professores Maria de Lourdes Alves Arruda e Zoroastro de Araújo Neto como colaboradores.

² A concepção de comunidade aqui empregada compreende tanto uma “unidade geográfica quanto idéia reguladora” (Sawaia, 1996), experiência cotidiana que possibilita o lastro ou a continência para o estabelecimento de relações intersubjetivas.

Eletroeletrônica e Agroindústria na tentativa de gerar reflexões que combinassem o conhecimento, a aprendizagem e utilização de tecnologia aos seus destinos sociais: às finalidades/utilidades, às práticas coletivas e relações do cotidiano, onde sujeitos concretos produzem saberes sobre a vida compartilhada.

Acreditávamos que Paisagens, invenções e receitas seriam os temas que caracterizariam percepções, experiências e fazeres da vida cotidiana (Certeau, 1994) permitindo a reconstrução da memória coletiva que nos fala Halbwachs (2003). Paisagens, invenções e receitas foram definidas como elementos teóricos que se combinavam ao conceito de memória, para permitir reflexões sobre a apropriação, a construção e a elaboração de elementos e dimensões da vida registradas na memória das comunidades.

Para saber da vida cotidiana e das histórias do cotidiano das comunidades que incorporaram novos saberes, tecnologias e fazeres em suas trajetórias individuais e coletivas, fez-se uma opção teórico-metodológica pela “reconstrução” da memória (Halbwachs, 2004; Haguette, 1992; Bardin, 2008; Bosi, 1994; Benjamin, 1994).

Apoiamo-nos em Santos (2010: 102) para estabelecermos nossa concepção de paisagem. Este autor nos ensina que:

A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. A paisagem é transtemporal, juntando passados e presentes, uma construção transversal.

A paisagem contém marcas subjetivas que podem testificar a presença dos homens e a passagem do tempo com marcador cultural. A paisagem atravessa os homens, atravessa o tempo, registra-se na memória.

Ainda em Santos (2010) concebemos o uso da tecnologia como instrumento de ação que conflui aos destinos das técnicas, que produz efeitos no espaço. Neste sentido, as *invenções*, significantes produzidos a partir do uso das tecnologias, são instrumentais que fazem mediação nas relações humanas.

Com Certeau (1994), aprendemos que os fazeres à mesa, fazeres no cotidiano, estabelecem e restabelecem modos de atuar, ser, conformar subjetividades, constituir-se no dia-a-dia; as *receitas* são este fazer, onde se reparte o pão e significa-se a vida vivida aos pares.

Memória e tempo estão interligados. Bosi (1993: 279) nos ensina que o tempo, esse “objeto a ser compreendido, está constituído de substrato móvel e fluido (...); não o tempo abstrato da Física Metemática, mas o tempo concreto e qualificado das lembranças”. Interessamos não a cronologia da vida, mas a vida vivida num tempo fluido regulado pelas lembranças que significam ter vivido.

Quem nos contou dos percursos, das transformações, das incorporações de tais elementos na comunidade? Inicialmente, decidimos ouvir os mais velhos, aqueles que viveram a passagem do tempo e permaneceram. Envelhecer e memorizar. Envelhecimento e lembranças, “de velhos”, como nos diz Bosi (1994). Foi disso que soubemos e sobre isto aprendemos: lembrando como era antes quando não havia o que há hoje, lembraremos no futuro quando o que há hoje chegou e como tudo foi sendo transformado, na passagem do tempo significado, através das relações intersubjetivas travadas num cotidiano de descobertas.

Com Halbwachs (2003) aprendemos que a memória não é depósito do que ficou no passado, não é reprodução de experiências nem reapresentação do que já não está mais vivo entre nós. Memória é construção, podemos até afirmar, é reconstrução. A memória se reconstrói quando há o apoio em função da realidade presente, na presença de algo ou alguém que promova a retomada de sua construção amparada na dinâmica da cultura e das relações humanas que a sustentam no cotidiano da vida.

Reconstruir a memória é reconstruir lembranças de relações intersubjetivas estabelecidas no passado. Reconstruir memórias é produzir no momento presente sentidos para fatos que

parecem perdidos no passado. A reconstrução das memórias foi instrumento para conhecer o impacto das transformações das paisagens, da adoção das tecnologias e das incorporações e re-fazer de receitas à mesa; traços de um cotidiano onde nos constituímos como sujeitos historicamente situados.

Nesta reconstrução, ultrapassa-se o cotidiano como lugar de alienação (Heller, 1989; 1987) e surgem os sujeitos como capazes de criar e recriar para além da repetição, ora enfrentando e resistindo (Bovone, 1992), ora incorporando o novo que lhes chega, num fazer-se enquanto singularidade diante das transformações da história e do tempo.

Para Arendt, “a ação cria condição para a lembrança, para a história” (Arendt, 1997: 16). Então é isso, a retomada da história que será (re)escrita através das memórias lembradas dos velhos. No dizer de Halbwachs (2003: 35):

Na ordem das relações afetivas, em que a imaginação desempenha um papel desse tipo, um ser humano que é muito amado e que ama moderadamente muitas vezes só se dá conta tarde demais ou talvez jamais se dê conta da importância atribuída as suas menores ações, as suas palavras mais insignificantes.

Nossos objetivos e a participação de estudantes bolsistas de ensino técnico.

Ao inserir as estudantes do campus Afogados da Ingazeira, já em processo de formação profissional, acreditamos que atingimos o objetivo de que estas fossem capazes de incorporar em suas práticas extensionistas a dimensão ética do trabalho, permitindo as (futuras) profissionais o reconhecimento das comunidades tanto como destinatários de suas ações técnicas, quanto interlocutoras para o reencontro do humano, onde podemos perceber o outro em seu valor e enquanto referente das intervenções propostas e levadas a termo.

O encontro com comunidades, grupos e sujeitos pôde permitir as estudantes a experimentação de novos olhares que descortinaram dimensões da vida humana que se entrelaçam ao uso das tecnologias e conformam subjetividades.

Com o objetivo de reconstruir a memória coletiva de uma comunidade, a partir dos relatos orais dos mais velhos, fomos buscando estratégias metodológicas que pudessem permitir aos sujeitos historiar/narrar a criação, a incorporação e o estabelecimento de novos fazeres na vida cotidiana.

Intencionávamos, inicialmente, atingir os seguintes objetivos: 1. Conhecer e compreender como as paisagens, as invenções e as receitas foram elaboradas, incorporadas e significadas na vida comunitária em Afogados da Ingazeira; 2. Compreender a transmissão geracional de significados e sentidos atribuídos às transformações sócio-culturais, reguladas pelas mudanças tecnológicas, das paisagens e dos “fazeres à mesa” e, 3. Refletir sobre o impacto ético das ações profissionais em contextos sócio-comunitários, considerando à intervenção baseada na utilização de variadas tecnologias.

Ao longo do projeto percebemos que, nas diversas incursões no cotidiano das comunidades, um fio ou eixo condutor e argumentativo se descortinava e ele referia-se fundamentalmente aos laços familiares que surgiam das falas dos idosos.

Reconhecíamos que deveríamos ultrapassar os supostos, para nós, limites do projeto e da geografia de Afogados da Ingazeira. Buscamos os primos, os irmãos e os conhecidos daqueles com que nos encontrávamos habitualmente no Leitão da Carapuça. Tal percepção nos levou também a reconhecer que as fronteiras entre Afogados da Ingazeira e Carnaíba não limitavam os sujeitos; tal percepção, então, determinou que nos deslocássemos no ritmo e na direção das falas dos sujeitos. O projeto inicialmente pensado para atuar em Afogados avançou consideravelmente para Carnaíba.

Reflexões sobre a metodologia e o impacto das ações.

Este projeto orientou-se por uma perspectiva qualitativa na abordagem da comunidade e dos sujeitos que a constituem e dela participam. A perspectiva qualitativa está diretamente associada ao *método etnográfico*, fazendo do trabalho de campo o momento fundamental para se repensar pressupostos teóricos e metodológicos. Nesta abordagem, o extensionista, o pesquisador ou o profissional deve considerar sua presença como um evento que produz significações e sentidos no contexto que pretende estudar, o que pode lhe dar acesso a fontes importantes de informação, através do que presencia, observa e participa (Haguette, 1992; Minayo, 1996; Cardoso, 1986).

O Projeto Memórias estabeleceu com os idosos uma relação de reciprocidade e escuta atenta à palavra que reconstruiu a memória coletiva, que fez retornar o passado como sentido que se presentifica no encontro entre equipe que executou o projeto e sujeito que falou de sua trajetória de vida. Neste sentido, houve uma ênfase na materialidade do encontro que se realizou na ida ao campo, campo como lugar na geografia da cidade, campo como lugar que contém múltiplas significações, preche de sentidos.

O trabalho de campo permitiu que os processos de comunicação entre sujeitos fossem caracterizados pela interatividade, permitindo aos extensionistas expandirem-se “com naturalidade dentro das relações e eventos que fazem parte da vida cotidiana do sujeito” (González-Rey: 96).

Neste sentido, o trabalho de campo não foi uma simples exploração de demandas para a intervenção, constitui-se em um processo permanente de eixos de compreensão do contexto empírico-cultural onde uma proposta de ação se inseriu através do reconhecimento de uma demanda social: a preservação da memória como patrimônio imaterial e a possibilidade concreta de estabelecermos entre velhos, adolescentes e crianças um precioso diálogo intergeracional. Buscou-se, portanto, constante interação em campus e comunidade, sabendo que os destinos das práticas/intervenções apontavam para horizontes éticos com seus efeitos na formação de olhares e racionalidades em processo.

Adotando estratégias de produção e compreensão da informação numa perspectiva qualitativa (Haguette, 1997), elegeu-se tanto a produção de depoimentos quanto a de histórias de vida (Haguette, 1997) para conhecer os sentidos atribuídos pelos sujeitos as experiências vividas no cotidiano.

As bolsistas vivenciaram a experimentação de variadas estratégias metodológicas para utilização no projeto, entre elas: observação participante, entrevistas, registro em áudio e vídeo, registro fotográfico, anotações em diário de campo, bem como modos de transcrição e categorização de informações/dados (Haguette, 1993; Bauer, 2005) com ênfase na análise de conteúdo (Bardin, s/d). Os registros em áudio e vídeo possibilitaram a edição de filme de curta duração, com a utilização de software de edição de imagem e áudio.

Produtos Gerados:

- 1) Vídeos com depoimentos de idosos das comunidades de Leitão da Carapuça (Município de Afogados da Ingazeira) e Brejo de Dentro, Travessão do Caroá e Abelha (Município de Carnaíba). Número total de oito vídeos com depoimentos integrais dos idosos.
- 2) Vídeo-Documentário retratando histórias individuais-particulares que vão recuperando histórias coletivas. A memória individual produziu uma memória coletiva, no termos de Halbwachs (2003). Da ocupação do território às sociabilidades estabelecidas no cotidiano obtivemos cenas e discursos, personagens e palavras que permitiram a construção de um

conjunto de elementos que, em certa medida, teceram pontos e alinhavos entre invenções, paisagens e receitas.

- 3) Registros fotográficos produzidos pela equipe do projeto. Os primeiros registros fotográficos dão conta de uma primeira perspectiva dos caminhos percorrido em 2011. A equipe fez a opção de “sair de cena” e propor às crianças, com ligação familiar com os idosos, que passassem a fazer uso da câmera fotográfica e registrassem o cotidiano da casa (Certeau, 1994).
- 4) Registros fotográficos produzidos pelas crianças. A criança surgiu como um novo narrador (Benjamin, 1994) do tempo vivo e vivido no presente da casa e do seu entorno.
- 5) Registros textuais a partir de análises dos vídeos-depoimentos produzidos nos encontros com os idosos. As Bolsistas, a partir de supervisão do Orientador, produziram análises dos depoimentos, buscando unidades temáticas que subsidiaram a produção-edição do Vídeo Documentário. Tivemos como referência metodológica Bardin (s/d) e Bauer e Gaskell (2005), construindo eixos-temáticos-argumentativos que possibilitaram a elaboração do roteiro do documentário.

Encontros entre a memória e o esquecimento: reconstruções de um passado.

Quando paisagens, invenções e receitas surgiam nas falas dos idosos elas se transmutavam e deixam-se marcar pela incorporação de variadas tecnologias: a placa de energia solar quando os postes ainda não sustentavam os fios que hoje ilumina algumas casas; a enxada que abriu estradas e as panelas de barro que permitiram a comida na mesa; a cama de vara que deu o descanso aos corpos cansados vindos das casas de farinha; o carro que transportou os homens pelas paisagens e cenas; o helicóptero que surgiu para assombro de muitos; a lâmpada elétrica a conviver e substituir o lampião; as melancias que cresciam abundantemente e agora sumiram e recusam-se a retornar quando o homem teima em cultivá-las; o rádio e a televisão que encantaram quando não eram ainda conhecidos.

Nas falas dos idosos, a tecnologia estabeleceu um divisor de águas no Sertão, com as melhorias nas condições de vida que trouxeram maior acesso aos alimentos e alterações significativas na saúde das comunidades.

Podemos afirmar que as ações interventivas de governos e organismos não governamentais produzem impactos significativos que marcam gerações inteiras, com conseqüências que não dimensionamos facilmente. No entanto, quem caminha por estes Sertões verá que muito ainda deve ser feito.

Das Metas estabelecidas inicialmente, consideramos que exercitamos a necessária problematização da relação instituição formadora e sociedade, na medida em que reconhecemos demandas sociais e o papel desempenhado por governos e grupos organizados em atender as comunidades. Novas possibilidades de intervenção para a preservação da memória coletiva como patrimônio imaterial surgiram, entre elas, aquela que optamos por colocar em ação: a intervenção com as crianças.

Na busca de promovermos impactos positivos, optamos por abdicar da continuidade dos registros fotográficos do cotidiano das comunidades e solicitamos a algumas crianças que fizessem uso da máquina fotográfica para registrar o cotidiano da vida familiar, da casa e do seu entorno.

Ao tomarmos esta decisão, optamos pelo estabelecimento de um diálogo intergeracional entre idosos e crianças objetivando potencializar a memória como processo e produto que dinamiza subjetividades. As significações sociais podem adquirir novos sentidos e tornadas objetividades (Heller, 1997) no encontro do cotidiano e na materialidade do vídeo e da fotografia serem salvas do esquecimento, ganhando a amplitude do encontro vivo entre os velhos, os adolescentes e as crianças.

Tempo de concluir: as marcas da memória.

Com Bosi (1993), podemos afirmar que a memória é forma organizadora da vida. As intervenções realizadas e os produtos gerados pelos encontros com idosos e crianças testificam esta afirmação. Neste sentido, apoiamo-nos em Baptista (2003) quando este nos permite reafirmar que a subjetividade revela-se sustentada no grupo social e no contexto histórico que conforma suas configurações. Tal afirmativa, certamente, coaduna-se ao ponto de vista de Halbwachs (2003). A memória é coletiva e revela os sujeitos humanos em sua capacidade organizadora no mundo.

Nas palavras de Halbwachs (2003: 29), “nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas”. Nisto reside o que aprendemos com este Projeto, a intersubjetividade, a presença do outro e nossa capacidade de sustentarmos um diálogo nos permitiu organizar e reconhecer elementos do passado no encontro do cotidiano.

Nossa experiência reafirma e corrobora os estudos de Bosi (1994) e Halbwachs (2003) e em Correa e Justo (2010), percebemos o quanto a potência polissêmica das palavras expõe seu poder quando o idoso dela faz uso e a produz como registro de pertencimento ao coletivo; porque faz retornar o registro temporal prenhe de sentidos originários, que podem ser resignificados pelos mais jovens.

Da escrita do Projeto Memórias à realidade dos caminhos percorridos entre Afogados da Ingazeira e Carnaíba fomos surpreendidos pela diversidade das paisagens do Sertão pernambucano. Devemos até falar em Sertão como Sertões, pois são muitas as terras que cobrem os chãos. De chão e pedra, de mato verde e de terra seca, de terra e de areia, de subidas e descidas íngremes, de caminhos tortuosos que se fazem desafios. Das terras é preciso que se enxergue a marca de homens e mulheres que cortaram as matas e talharam as estradas, que ao longo de décadas permitiram novas possibilidades de viver a vida nos Sertões.

O Projeto inicial mostrou suas limitações e possibilidades, que testificaram que o Sertão não se dobra ao homem; espera-se do Sertão, em certa medida, a permissão para existir. O difícil acesso às comunidades por estradas em tudo velhas e novas, desafiavam à memória. Certamente, chegar e voltar aos lugares percorridos para reencontrar as comunidades foi um desafio sempre cotidiano, desde 2011. “Esquecíamos” os caminhos certos, porque a nós a natureza impôs suas razões e a nós faltava, e ainda falta, os saberes que respeitam os limites e as exigências da realidade e são postos em uso nas horas do tempo.

Aprendemos que não há coletividade ou institucionalidade qualquer que apague o sujeito e sua capacidade de resistir e existir. Quando faltam os governos, os sujeitos e as comunidades permanecem.

O Projeto Memórias que contam histórias, não esgotando o que pretendíamos como objetivos iniciais, explorar as paisagens, as invenções e as receitas, nos fez encontrar homens e mulheres, idosos e crianças, falando do tempo e da memória como se fala da tristeza da morte e da ausência, da chuva que molha e traz cheiro e frio, das pedras que abrigaram os negros que aqui chegaram no passado, das Caiporas e Caboclos que assombravam os cachorros, de estradas abertas a pá e enxadas, de rezas e de proteções divinas, de fome e de alegria, de mães e de pais que morreram, de um lugar encantado onde a ganância cobra seu preço.

Entre memórias que contam histórias, reconstruídas pelos mais velhos e as imagens do cotidiano elaboradas pelos mais jovens, sejamos testemunhas das múltiplas possibilidades de existir diante da vida.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- BAPTISTA, Marisa Todescan Dias da Silva. **As relações entre identidade, memória e a pesquisa da história da psicologia**. Memorandum, 4, 33-39, 2003.
- BAUER, Martin. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, s/d.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia, técnica, arte e tempo vol. 1**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOVONE, Laura. **Teorias da cotidianidade: busca de sentido ou negação de sentido?** Revista da Faculdade de Educação, 18, n.2, 1992.
- BOSI, Ecléa. **A pesquisa em memória social**. Psicologia USP, 4, p. 277-284, 1993.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORREA, Mariele Rodrigues; JUSTO, José Sterza. **Oficinas de psicologia: memória e experiência narrativa**. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 1, n. 2, p. 249-256, dez. 2010
- GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2002.
- HAGUETTE, Teresa Maria frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo, SP: Centauro, 2003.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- HELLER, Agnes. **Sociología de la vida cotidiana**. Espanha: Ediciones Península, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1996.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2009.
- SAWAIA, Bader Burihan (Org). **Psicologia social comunitária**. Petrópolis: Vozes, 1996.